



Uma real conversão espiritual dos discípulos, na linha do seguimento de Cristo, da unção do Espírito, do engajamento profético, da santidade martirial e da espiritualidade de comunhão, como propõe Aparecida, certamente produzirá muitos frutos, que levarão a própria Igreja a superar a crise em que se situa e a reformular suas instituições e, sobretudo, fortalecerão o empenho na construção do Reino da vida para todos. De um encontro pessoal com o mistério de Deus, de uma experiência mística com o Evangelho de Cristo, pode-se esperar maior empenho pela comunhão e maior engajamento na missão. Se realmente os discípulos de Cristo se converterem ao mistério escandaloso do Evangelho e à prática do seguimento de seu Mestre, pode-se esperar que a Igreja se torne realmente um povo de comunhão e missão. Comunhão de bens espirituais e materiais, partilha fraterna do poder e do serviço, renovação das estruturas eclesiais, abertura de espaço para a ministerialidade de todos, simplicidade de vida na alegria do encontro com todos, a começar com os mais necessitados. Missão profética de anúncio do Reino e de denúncia do anti-reino, posicionamento transparente diante e contra os ídolos assassinos das pessoas humanas e dos outros seres vivos, criatividade transformadora de estruturas sociais e políticas postas a serviço dos pobres, disposição para assumir a cruz como preço a pagar na promoção e na defesa da vida.

Conclusão

Servindo-nos do tríplice eixo com o qual se tem analisado a eclesiologia do Concílio Vaticano II, poderíamos dizer que Medellín puxou mais para o eixo da missão, Puebla e Santo Domingo para o eixo da comunhão, Aparecida puxa para o eixo do mistério.

O fato de Aparecida puxar para o eixo do mistério a aproxima de *Lumen Gentium* em seu primeiro capítulo e lhe possibilita ser fator de equilíbrio entre a eclesiologia *ad intra*, da comunhão, e a eclesiologia *ad extra*, da missão. Além disso, responde aos anseios por uma espiritualidade bem fundamentada que vem marcando as últimas décadas da Igreja e da sociedade do continente.

Endereço do Autor:

ITESC

Cx. Postal 5041

88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

E-mail: vitorfeller@arquivfloripa.org.br



Resumo: O artigo analisa a proposta de Aparecida para a paróquia, cujo papel missionário é destacado, mas sem que se enfrentem as dificuldades existentes, e sem que se operacionalizem as mudanças estruturais que o Documento propõe. Adverte que as estruturas pastorais devem ser pensadas como estruturas a serviço do Reino, estando portanto sujeitas às mudanças necessárias. Tendo a impressão de que o discurso de Aparecida é retórico e infra-sistêmico, o autor vê, porém, a possibilidade de pensar as estruturas pastorais além da letra do Documento.

Abstract: The Document of Aparecida lays great weight on the service of the missionary commissioned by the parish and the diocese (cf. 168) and points out the difficulties to be reckoned with although none are singled out. Structural changes are to be introduced without demonstrating how the put them into practice. The organizational framework of Pastoral Care practiced in the parish and diocese by missionaries, is to be defined as one of the structural elements at the service of the Kingdom of God. At first sight the explanations provided by the Document of Aparecida seem to be rhetorical and one-sided, but it is to be noted that these pastoral structures stress the ongoing commitment beyond Aparecida.

Paróquia missionária segundo Aparecida

Estruturas pastorais para uma missão impossível ou “odres novos para um vinho novo”?

Paulo Suess²

¹ Cf. Mc 2,22. – Apointamentos para a Assembléia Geral de Ameríndia, Panamá, 21 a 24 de julho de 2008.

² O autor é Doutor em Teologia Fundamental e missiólogo, autor e organizador de vários livros.



O DA (Documento de Aparecida) aposta no papel missionário da paróquia e da diocese (cf. 168), aponta para dificuldades existentes, sem enfrentá-las, e propõe mudanças estruturais, geralmente sem operacionalizá-las. As estruturas pastorais da paróquia e diocese missionárias devem ser pensadas como estruturas a serviço do Reino. À primeira vista, o discurso de Aparecida parece retórico e intra-sistêmico. Contudo, podemos pensar as estruturas pastorais com Aparecida e além de Aparecida.

1 Com Aparecida

No DA, a paróquia encontra duas limitantes estruturais exógenas: a falta de uma crítica fundamental do sistema capitalista (parece que o uso da palavra “neoliberalismo” era proibido) e a falta de abertura para a reconstrução ministerial segundo as necessidades pastorais da Igreja local. Sendo assim, o DA propõe transformações que não consegue operacionalizar no chão paroquial latino-americano.

1. A V Conferência Geral se considerou “uma oportunidade para que todas as nossas **paróquias se tornem missionárias**” (173), “centros de irradiação missionária”, “lugares de formação permanente” (306) e “fonte dinâmica do discipulado missionário” (172).
2. A missionariedade da paróquia deve, antes de tudo, ser autêntica, ou seja, integral: “Toda **autêntica missão** unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas” (176). A paróquia deve “chegar a ser a boa samaritana” (176) e “casa dos pobres” (8, 524). A **opção pelos pobres** deve “**atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais**” (396).³ Aparecida menciona o protagonismo dos pobres na educação de seus filhos e na solidariedade, sem estender esse protagonismo para o campo pastoral propriamente dito (398).
3. As estruturas injustas da sociedade desafiam as estruturas pastorais. Aparecida propõe avançar “na estruturação de uma **Pastoral Orgânica**, para servir melhor às necessidades dos fiéis” (99g). “A **Diocese**, em todas as suas comunidades e estruturas, é chamada a ser comunidade missionária” (168). Ela “é o primeiro espaço da comunhão e da missão” a quem cabe “estimular e conduzir uma ação pastoral orgânica renovada” (169). “Nos casos de grandes cidades onde existem várias Dioceses, faz-se necessário um plano inter-diocesano” (518b).

³ Cf. Medellín 14,4-11; DP 1134-1165; SD 178-181).



4. “A tarefa missionária se abre sempre às comunidades, assim como ocorreu em Pentecostes” (171). “Conforme há anos estamos propondo na América Latina, a paróquia chegará a ser **comunidade de comunidades**” (309, CEBs: 179; cf. SD 58). “Levando em consideração as dimensões de nossas paróquias, é aconselhável a **setorização** em unidades territoriais menores com equipes próprias de animação e coordenação que permitam **maior proximidade com as pessoas e grupos** que vivem na região” (372).
5. “A renovação das paróquias (...) exige a **reformulação de suas estruturas**, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão” (172). “A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural (...). Particularmente no mundo urbano, é urgente a criação de **novas estruturas pastorais**” (173), para que as paróquias consigam cumprir as suas tarefas essenciais (cf. 293ss; iniciação cristã, celebração da fé, formação permanente, serviço de solidariedade). A “firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais (365). Para que isso aconteça, exige-se de todas as comunidades que entrem “nos processos constantes de renovação missionária” e que abandonem “as **ultrapassadas estruturas** que já não favoreçam a transmissão da fé” (365).
6. A **formação** é uma peça-chave do DA (cf. 315).⁴ Mas a formação não é um substitutivo ao “**número insuficiente de sacerdotes**”, que impossibilita “que muitíssimas comunidades possam participar regularmente na celebração da Eucaristia” (100e). A realidade da escassez de ministros ordenados produziu apenas lamentos: “Com profundo afeto pastoral, queremos dizer às milhares de comunidades com seus milhões de membros, que não têm a oportunidade de participar da Eucaristia dominical que também elas podem e devem viver ‘segundo o domingo’” (253). Também a celebração da palavra “faz presente o Mistério Pascal” (253). Aparecida destaca o papel formativo das Comunidades Eclesiais de Base, “que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue, de muitos de seus membros” (178).

⁴ Cf. o verbete “formação”. In: SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida*: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2008, p. 66-69.



7. Face à escassez dos ministros ordenados, segue o apelo aos **leigos**. “A renovação da paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes” (201), “maior abertura de mentalidade” (213). Requer “que todos os leigos se sintam co-responsáveis na formação dos discípulos e na missão. Isso supõe que os párocos sejam promotores e animadores da diversidade missionária (...). Uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios” (202). “Os melhores esforços das paróquias (...) devem estar na convocação e na **formação dos leigos missionários**” (174). Eles são “parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade” (213). Deve-se avançar para “garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios que na Igreja são confiados aos leigos, como também nas instâncias de planejamento e decisão pastorais, valorizando sua contribuição” (458b, cf. 454), e promover seu “mais amplo protagonismo” (458a).

2 Radicalizar Aparecida: lembretes para a porta da casa paroquial

Radicalizar Aparecida significa enraizar Aparecida numa perspectiva de ruptura sistêmica, que visa mudar o conjunto das relações sociais. Deus mudou a “razão social e salvífica” da história. Com a encarnação do Filho de Deus e seu anúncio do ano jubilar como Boa-Nova e ano de graça para os pobres (Lc 4,18), não é mais Israel em sua particularidade, mas são os pobres em sua universalidade que representam a continuidade da história da salvação. Fora do contexto cultural e histórico não há Boa-Nova nem história de salvação.

1. Todas as atividades paroquiais e prioridades (catequese, liturgia, diaconia, formação de líderes, ação social) devem ser iluminadas a partir das rupturas que propõem ou possam produzir na microestrutura paroquial. **Ruptura sistêmica significa: estar a serviço do Reino**. A ruptura nos coloca fora das expectativas da evolução natural, do desenvolvimentismo e das expectativas que o sistema capitalista oferece. Deus atua na história, porém está fora de expectativas sistêmicas que se reduzem à lógica causa-efeito da razão instrumental. Os tópicos da *creatio ex nihilo* (criação do mundo sem pressupostos materiais, segundo



- a interpretação de Tomás de Aquino) e a ressurreição de Jesus podem ser interpretados como eventos pré e pós-sistêmicos.⁵
2. A comunidade paroquial é uma comunidade missionária que zela por espaços diferenciados de **acolhida** e de **envio** a serviço do Reino. Cada um que procura os “espaços paroquiais” é bem-vindo. O pobre é sempre esperado; o outro, recebido com amizade; o aflito, consolado com carinho. Os pobres que nos procuram são convidados a ajudar a melhorar a **qualidade do serviço** prestado pela paróquia e a participar de um processo pastoral missionário em andamento. Os problemas são “bem encaminhados” no momento em que o visitado cresce e o visitante começa a descobrir sua potencialidade evangelizadora e a assumir um serviço como sua missão.
 3. O objetivo das estruturas paroquiais não é a eficácia, mas a **participação**, sobretudo dos pobres (leigos, mulheres). Eles devem simplesmente **facilitar o encontro** e convivência na partilha, na solidariedade e na diversidade. Nesta caminhada, acompanhar o povo nos retrocessos, nos desesperos e também nos avanços faz parte do seguimento de Jesus.
 4. Igreja “**casa dos pobres**” será **uma casa administrada pelos pobres**. O encontro esclarece a **razão da nossa esperança** e do envio. Entre a eficácia e a gratuidade das estruturas, optamos pela gratuidade.
 5. No sistema custo-benefício, a **gratuidade** é um sinal do Reino e um horizonte guia. Em todas as nossas atividades paroquiais, sobretudo na acolhida, deve aparecer o princípio de gratuidade, embora seja impossível vivê-la em sua completude. A gratuidade não deve ser confundida com assistencialismo.
 6. A gratuidade não é somente algo material. Ela tem uma dimensão temporal e representa um questionamento da burocracia paroquial. O pobre chega, muitas vezes, “fora de hora”, e quer nos ensinar a viver a gratuidade “fora de hora”. A “imagem de Deus” não chega fora de hora. Nessa prontidão, a paróquia missionária vive a **vigília pascal**.
 7. Gratuidade, mobilidade e opção pelos pobres estão entrelaçadas e exigem estruturas leves, simples e portáteis. A conversão pastoral aponta para a simplicidade (**conversão ad simplex**),

⁵ Tomás de Aquino afirma, na esteira da recepção de Aristóteles, que a criação é *productio* do nada. Ela se distingue substancialmente de todas as outras transformações que são *mutatio*. Na ressurreição coincidimos a *productio* de algo absolutamente novo com a *mutatio* do velho e histórico, sem que ela deixe de ser uma ruptura sistêmica.



para a partilha dos bens e a celebração eucarística da vida. Desconfiamos de “grandes projetos” e estruturas pesadas, sempre ligadas aos faraós, que o sistema sustenta. Ao criarmos estruturas, devemos pensá-las transparentes, para que os próprios pobres possam administrá-las (protagonismo dos pobres).

8. A **concorrência midiática** nos insere em estruturas miméticas capitalistas e sensacionalistas. Quando o papa voltou para Roma, Aparecida desapareceu da grande imprensa. Também uma “televisão católica” incorre em dois equívocos, um estrutural, outro material (conteúdo): trata-se de estruturas caras, incorporadas ao sistema e suas dependências; esse mesmo sistema não permite questionamentos acerca de seus conteúdos. Mesmo que os conteúdos fossem bons, pela dependência do grande capital já estariam visceralmente corrompidos.
9. A Igreja/paróquia não tem a real possibilidade de transformar o sistema. Ela faz parte desse sistema que ela quer transformar. Por isso, tem sempre necessidade de **conversão** e de atitude penitenciais. A partir de seu campo próprio, porém, que é o campo dos **sinais de justiça** e das **imagens de esperança** do Reino, ela aponta para transformações sistêmicas e as situa nas rachaduras do sistema. Todas as pequenas ações podem ser realizadas como expressão de misericórdia e justiça de Deus e têm um valor simbólico e um significado integral (corpo, espírito, mente, alma; indivíduo e coletividade) que anima a caminhada e fortalece a esperança na possibilidade de uma vida plena.
10. O campo dos sinais e das imagens protege a atividade missionária paroquial da **ilusão da totalidade** possível. A Igreja é sinal e sacramento de salvação e não seu curral. Não somos caçadores de borboletas (pagãos, ateus, crentes). Somos zeladores do jardim. O forte da missão não é a propaganda, mas a atração do seu testemunho. As estruturas pastorais terão sempre algo de *pars pro toto*; são convidativas, não exclusivas. O próprio Jesus não curou todos os cegos nem ressuscitou todos os mortos. A missão não visa à incorporação do último ateu nem do último protestante à Igreja Católica. O “ser sinal” não visa a totalidade, mas a universalidade da salvação. Tampouco deve ser confundido com uma ideologia elitista do “pequeno rebanho”.

Endereço do Autor:

Caixa postal 46023
CEP 04046-970 SÃO PAULO, SP
Email: suess@uol.com.br



Resumo: Pretende-se destacar alguns elementos essenciais da formação do discípulo-missionário, a partir do Documento de Aparecida, que poderão servir a todos os batizados para que, pouco a pouco, convertam tais elementos em convicções profundamente arraigadas e solidamente estruturadas, como orientações de um verdadeiro programa, no projeto pessoal de amadurecimento e crescimento. O discípulo-missionário é alguém chamado, formado num processo de comprometimento com Deus Pai e com o seu projeto de amor, alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, sempre em comunhão com a comunidade eclesial.

Abstract: The article focalizes on the essential elements to be taken into account in the stages of formation of a disciple prepared for missionary, based on the Document of Aparecida. Special attention is being paid on all candidates since baptism so that these elements can be converted into solid convictions, which are to be integrated as important components of a program fostering growth and further development. The disciple cherishes his vocation to serve as missionary in the Church pursuing the stages of formation in personal attachment to God the Father and embracing the project of divine love through the word of God and the Eucharist in union with the community of the Church.

A formação do discípulo-missionário à luz do Documento de Aparecida

*Everaldo Cescon**

* Pós-doutorando em Filosofia na Universidade de Lisboa. Bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal. Doutor em Teologia, Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália. Professor da Universidade de Caxias do Sul, Brasil.